



LER EM FAMÍLIA, LER NA ESCOLA, LER NA BIBLIOTECA: BOAS PRÁTICAS

CRISTINA VIEIRA DA SILVA
MARTA MARTINS
JOANA CAVALCANTI

VERSÃO COMPLETA EM [HTTP://REPOSITORIO.ESEPF.PT/HANDLE/10000/665](http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/665)

PAULA
FRASSINETTI



Ler com compreensão para ler com fruição.

FERNANDA LEOPOLDINA VIANA¹

Resumo

Não nascemos leitores, tornamo-nos leitores. Num mundo em mudança são as mais as dúvidas do que as certezas quanto ao que gera nas crianças, nos jovens ou nos adultos, motivação para ler. De forma necessariamente breve, começaremos por propor uma reflexão inicial sobre as ideias subjacentes a algumas expressões utilizadas pelos mediadores de leitura – leitores, promoção da leitura, animação da leitura – que, não raro, assumem uma perspectiva redutora. Dado o papel do Jardim de Infância e da Escola na criação da apetência por ler, no ensino da leitura e na formação de leitores, a formação de professores para o ensino da leitura é também abordada, enfatizando: i) a necessidade de esbater o fosso existente entre o tipo de leitura oferecido no Jardim de Infância e a leitura oferecida ao leitor inicial e; ii) promover o ensino explícito da compreensão da leitura, passo importante para que a leitura se constitua objeto de fruição. Conseguir que alguém opte por ler, quando tem à sua disposição um leque cada vez mais amplo de atividades, resulta da interação de um enorme conjunto de variáveis (do leitor, do texto e do contexto), não sendo fácil identificar o contributo isolado de cada uma delas. Salvaguardando esta dificuldade, apresentaremos uma síntese dos principais resultados da investigação sobre motivação para a leitura, que ressaltam o papel das experiências anteriores com livros, das interações sociais com base em livros, o acesso aos livros e a liberdade de escolha.

Com base numa leitura da realidade atual (e nacional) sustenta-se que sem um nível de leitura automatizado e sem custos cognitivos não se formam leitores, que é necessária uma atenção especial aos leitores iniciais e que é preciso colocar os “concorrentes” da leitura ao serviço da criação da necessidade de ler.

Palavras Chave

Formação de leitores;
promoção da leitura;
ensino da leitura.

Abstract

We are not born readers, we become readers. In a changing world, there are more doubts than certainties regarding what generates in children, young people or adults, the motivation to read. In a necessarily brief way, we begin by proposing an initial reflection on the ideas behind certain expressions used by mediators of reading - readers, reading promotion, animated reading - which often assume a reductive perspective.

Given the role of kindergarten and school in creating reading motivation, training teachers for the teaching of reading is also discussed, emphasizing: i) the need for narrowing the gap between the kind of reading offered in kindergarten and the kind of reading offered to beginning readers; ii) promoting the explicit teaching of reading comprehension, an important step to turn reading into an object of enjoyment. Achieving for someone to choose to read, when having at their disposal an increasingly wide range of activities, happens because of the interaction of a large set of variables (the reader, the texts and contexts), which makes it difficult to identify the contribution of each variable separately. Safeguarding this difficulty, we present a summary of the main results of research on motivation for reading, that highlight the role of previous experiences with books, social interactions based on books, access to books and freedom of choice. Based on a national and actual reality analysis, we support that without an automatized reading level, with no cognitive efforts, we cannot form readers. It is necessary to pay special attention to early readers as well as leading the “competitors” of reading into creating a reading necessity.

Keywords

Readers;
Reading promotion;
Reading teaching.

¹ Universidade do Minho – Instituto de Educação, Braga, Portugal, fviana@ie.uminho.pt

Introdução

Numa reflexão dedicada à temática das boas práticas de leitura, tentaremos um exercício de conciliação entre uma clarificação de conceitos e uma síntese do que a investigação nos tem revelado.

E as práticas? Que lugar ocuparão? Elas serão abordadas, mas numa perspectiva de questionamento, motivo pelo qual começaremos por um convite à reflexão sobre as ideias subjacentes a algumas expressões utilizadas pelos mediadores de leitura – leitores, promoção da leitura, animação da leitura – que, não raro, assumem uma perspectiva redutora.

É ainda numa perspectiva de questionamento que abordaremos alguns aspetos da atual formação de educadores e professores, agentes que, como resultado da nossa história recente, assumem o papel de mediadores por excelência.

Tentando não defraudar as naturais expectativas de uma reflexão dedicada a “boas práticas de leitura”, acabaremos com uma síntese do (pouco) que se sabe sobre o que contribui para criar leitores.

De que falamos quando falamos de leitura?

Quando nos queixamos de que os nossos alunos ou os nossos filhos não leem, de que leitura estamos a falar? Lemos por deleite pessoal, lemos por fruição, lemos por entretenimento, lemos para nos informarmos, lemos para nos instruímos, lemos como forma de autoconhecimento... Como é óbvio, estas finalidades não se excluem... No entanto, parecem excluídas duas situações: – as leituras pragmáticas, como, por exemplo, a leitura da data de validade de um pacote de leite;

– as leituras obrigatórias, sejam elas profissionais ou escolares, como por exemplo, a leitura de um relatório de vendas ou a leitura de um problema de matemática tendo em vista a sua resolução em contexto escolar.

Quando nos queixamos de que os nossos alunos ou filhos não leem estamos geralmente a referir-nos apenas à leitura de livros, maioritariamente em formato papel, convocando (talvez com alguma nostalgia) uma leitura de recolhimento, comodamente sentados, em silêncio... Este conceito de leitura está em mudança.

O que se quer promover / difundir / estimular quando se propõe promover a leitura?

Quando se fala em promoção da leitura estamos geralmente a referir-nos a destinatários que sabem ler, mas que, por razões várias não leem. Infere-se, portanto, que promover a leitura não é ensinar a ler. O sucesso na promoção da leitura depende da existência de leitores hábeis, leitores que dominem a técnica, que sejam fluentes e que compreendam o que leem.

Quando falamos em promoção da leitura, no geral referimo-nos ao desenvolvimento (ou ao reforço) do hábito de ler, ou seja, ao gosto deliberado por ler determinados tipos de texto, que são os textos literários.

Limitar a promoção da leitura aos textos literários é deixar de fora muitos dos que se consideram leitores, mas que não são leitores de literatura, mas leitores de textos de natureza científica (não ficcional e ficcional). E tal acontece também quando nos referimos a leitores muito jovens. Um inquérito recente a uma população escolar do 4.º ano da zona de Viana do Castelo mostra que a leitura de “livros de ciências” ocupa o segundo lugar nas preferências expressas pelos alunos do sexo feminino (Alves, 2011). Estes dados confirmam, em parte, os revelados pelo estudo A Leitura em Portugal (Santos, Neves, Lima & Carvalho, 2007) - os textos fundadores do gosto pela leitura são múltiplos e nem sempre são textos literários. Assim sendo, é preciso diferenciar entre ações que se destinam a quem já possui alguns hábitos de leitura, mesmo que incipientes, e ações que se destinam a quem não lê para além da leitura utilitária (preços, prazos de validade, etc.).

De que falamos quando falamos de promoção da leitura?

Animação da leitura? Formação de leitores? Aumento do tempo dedicado à Leitura? Aumento da qualidade e da complexidade dos textos lidos?

No geral fala-se de promoção da leitura incluindo nela todas estas vertentes ou apenas uma, mas raramente as explicitamos. Ter bem claros os objetivos que temos em mente quando falamos de promoção da leitura é imprescindível para sustentar a planificação de ações conducentes à sua promoção.

Neste ponto deixaremos apenas uma nota. A animação da leitura, por si só, não possui grandes potencialidades para formar leitores nem para aumentar o tempo dedicado à leitura. Basta olharmos para as mãos vazias das

crianças que acabam de sair de vários destes momentos de “animação da leitura”. Os livros, esses, ficaram nas estantes. Mas não serão importantes estes momentos? Sim, são importantes, mas se não forem complementados com outras aproximações às obras e aos autores, o seu contributo para fazer crescer a vontade de ler será pouco mais do que irrelevante.

A eficácia das ações de promoção da leitura exige, entre outros aspetos, que se clarifique se estamos a falar de leitura de um modo abrangente ou se nos estamos a cingir à leitura literária (e, muitas vezes, dentro desta, à leitura em suporte livro), se são destinadas a não leitores, ou a leitores ocasionais e quais são as competências dos destinatários. As ações de promoção da leitura devem ser sistemáticas e cuidadosamente preparadas, atender às características dos destinatários, ter continuidade nos contextos mais relevantes – a escola e a família – e ser articuladas com outras atividades.

De quem falamos quando falamos de leitores?

Ler envolve esforço e escolha. O esforço será tanto maior quanto menos hábil é o leitor. Quanto maior é o esforço, maior a probabilidade de optar por alternativas menos exigentes, como ver televisão. E, mesmo dentro desta alternativa pode haver a opção por ver um programa na própria língua em vez de um programa legendado.

Ser leitor implica também escolher ler em vez de escolher outras alternativas à leitura e escolher o que ler. No entanto... quando se fala de leitores está-se, embora tal raramente seja explicitado, a falar dos que escolhem ler, possuindo outras alternativas, mas, dentro destes, os que escolhem ler textos literários.

Mais uma vez, a perspetiva é reducionista. O mais recente estudo nacional sobre hábitos de leitura em Portugal (Santos, Neves, Lima & Carvalho, 2007) e estudos locais (Alves, 2011; Ribeiro, Leal, Ribeiro, Forte & Fernandes, 2009) permitem-nos afirmar que as crianças e jovens de hoje não só leem, como possuem mais hábitos de leitura do que os adultos que as criticam. Os dados do estudo nacional mostram que a percentagem dos que consideram que se lê mais é quase idêntica à percentagem dos que consideram que se lê menos (44% e 41%, respetivamente). O jornal é, atualmente, o suporte mais lido, seguido das revistas e, por último, do livro. Regista-se, também, comparativamente ao estudo de 1997: i) um crescimento ligeiro dos pequenos leitores (1 a 5 livros/ano); ii) um decréscimo idêntico dos gran-

de leitores (+ 20 livros/ano); iii) uma estabilização dos médios leitores (6 a 20 livros/ano). 43% dos inquiridos da amostra limita-se a práticas de leitura de natureza funcional (contas e recibos, marcas e preços de produtos, publicidade, receitas, cartas, recados, legendas...). Quando se comparam os dados deste estudo com os de 1997 (Freitas, Casanova & Alves, 1997), verifica-se um significativo decréscimo dos não leitores (de 12% para 5%) e um crescimento nas percentagens de leitores dos três suportes considerados (jornais, revistas e livros). O crescimento ao nível dos hábitos de leitura dos portugueses contraria a tendência verificada noutros países. Paradoxalmente, apesar destes dados, os resultados dos estudos internacionais de literacia mostram que os desempenhos em compreensão da leitura dos alunos portugueses ainda são muito deficitários, nomeadamente nos níveis superiores, o que nos permite concluir que é necessário prudência antes de estabelecer uma relação de causalidade direta entre o aumento dos hábitos de leitura e a melhoria no desempenho em compreensão do que é lido. Em suma, os dados parecem apontar para o seguinte: i) lemos mais... mas não lemos melhor; ii) lemos mais ... mas não texto literário.

Como mudar este estado de coisas?

A experiência na formação de educadores e professores e no atendimento a crianças com dificuldades ao nível da leitura conduz, inevitavelmente, à reflexão sobre o modo como a formação de professores para o ensino da leitura tem sido equacionada, pois ela tem repercussões profundas na formação de leitores (literários).

Para motivar para a leitura e para formar leitores é preciso...Ensinar BEM a ler, ensinar a ler BEM. Não sendo este o local para uma análise aprofundada sobre a formação de professores, dois tópicos podem, apesar disso, ser inseridos nas nossas agendas, nomeadamente porque em breve as instituições de ensino superior serão chamadas a avaliar o impacto do processo de Bolonha nesta formação: i) como se processa o ensino da descodificação; ii) como se processa o ensino da compreensão. Este momento poderá (e deverá) constituir uma última oportunidade para introduzir mudanças.

Como dissemos anteriormente, a primeira condição para gostar de ler é ler sem esforço. Aprender a ler implica aprender a dominar um código, a associar sinais gráficos a sons de forma a obter palavras. Mesmo numa fase inicial de aprendizagem do código, tem de haver

motivação, porque aprender a ler exige esforço e uma criança motivada não desistirá facilmente face a eventuais dificuldades e/ou exigências. Por sua vez, para que esta motivação exista, a criança terá de: a) atribuir sentido à leitura, saber quais as suas funções e quais os seus objetivos; b) desenvolver um projeto pessoal de leitor.

Temos assistido a uma crescente preocupação, ao nível da Educação pré-escolar, em facultar às crianças o contacto com boas obras de literatura infantil e em promover a motivação para a aprendizagem da leitura². No entanto, na transição para o primeiro ciclo, elas são confrontadas com textos do tipo “Duas amigas, uma Fátima, outra Filomena vão ao café e aí uma «come uma fatia de bolo» outra «bebe um copo de leite» e isso «é uma bela folia»... (Neves, 2002, p. 108). Como nos diz Sim-Sim (2007), “O aprendiz de leitor esperava poder entrar numa floresta em que por encanto penetraria num mundo de maravilhas e tesouros escondidos e é empurrado para um beco em que séries arrumadas de letras apenas lhe dão passagem para sílabas que, de forma espartilhada, se transformam em palavras isoladas, pouco atraentes e estimulantes, tais como papá, titi, pua, copo, faca e semelhantes. Algures, entre o mundo deslumbrante esperado e a realidade encontrada, instala-se a indiferença...” (p. 7).

Há que prestar uma atenção especial aos textos a utilizar. É necessário distinguir entre textos a selecionar para promover o desejo de ler, textos para ensinar a ler e textos para formar leitores. Faltam, em Portugal, textos destinados a leitores iniciais, textos para quem está a dar os primeiros passos no longo caminho da autonomia enquanto leitor. Textos difíceis de criar, nos quais cada palavra tem de ser escolhida para permitir ao leitor o sabor do sucesso (no domínio do código) e, ao mesmo tempo, a construção de novos mundos.

Poderão os leitores deste texto argumentar que esta separação não é defensável do ponto de vista teórico. Talvez não seja, quando falamos de formação de leitores desde o berço. No entanto, os que nos preocupam mais como mediadores são os que têm uma relação distante e até conflituosa com a leitura. Como afirma Martins (2009), “Ler é, antes de mais, um exercício de sedução. O livro tem que nos seduzir para aceitarmos desvendá-lo.” (p.73). A seleção de textos com a finalidade de motivar para a

leitura terá de veicular informações e enredos que vão ao encontro dos interesses e preferências do leitor, ser adaptada à sua competência linguística e ter em conta os seus padrões culturais (Schraw, Brunning & Svoboda, 1995). Estando alicerçada esta motivação básica para a leitura, cabe aos mediadores “educar-lhe” o gosto, dando a conhecer outros mundos para além dos que ele conhece e nos quais se sente confortável.

Relativamente à compreensão, refletimos nas palavras proferidas por Miguel, um aluno do 5.º ano, que participava num programa de ensino explícito da compreensão da leitura:

- Eu acho que não gostava muito de ler porque não percebia bem o que lia.... Agora percebo melhor... e adoro!
- Adoras o quê? Ler? Ou perceber o que lês?
- As duas coisas. Como não percebia, não tinha interesse... e não lia...

Esta criança, à semelhança de muitas outras, não compreendia o que lia, não “entrava” nos textos, não conseguindo fruí-los. Como foi dito atrás, ser leitor implica escolhas. E para escolher ler é preciso que a leitura dê algo que as alternativas não dão.

Os mediadores de leitura

Entre ensinar a ler e formar leitores há um longo caminho a percorrer. Portugal despertou para a leitura em plena era da tecnologia e da imagem. É mais difícil formar leitores hoje, pois as alternativas de escolha são muitas, apelativas (quando não agressivas), pouco exigentes, de gratificação imediata... Esta dificuldade é ainda acrescida pela falta de modelos - os estudos PISA mostram que os pais das crianças e jovens portugueses não possuíam hábitos de leitura. Referimos sempre o nosso atraso... esquecendo-nos que em abril de 1974 possuíamos taxas de analfabetismo muito superiores às de outros países da OCDE. Foi percorrido um longo caminho... mas muito há ainda para percorrer.

Gostar de ler a um nível que leve a optar por ler em detrimento de outras atividades não é resultado de determinação biológica. O gosto aprende-se, muda-se, cria-se, ensina-se... Os mediadores de leitura têm, por isso um papel importantíssimo. A família e a escola constituem os contextos de mediação privilegiados.

A motivação para aprender a ler será diretamente proporcional ao estatuto social e afetivo que a leitura tiver para a família e para o aprendiz de leitor. Quando há hábitos de leitura na família, desenvolver um sentimento de pertença a esta família passará por ser leitor. Conceder estatuto à leitura é uma importante via para a pro-

² Neste âmbito existem já publicados vários programas de desenvolvimento da literacia nos anos pré escolares, tais como o Melhor Falar para Melhor Ler, Dar Vida às Letras ou A Ler Vamos, disponíveis em www.casadaleitura.org.

mover. Mas há outras que, valorizadas, também contribuem para criar apetência para ler. Uma delas é a de estimular a natural curiosidade das crianças, que será satisfeita através da leitura. Uma outra é a de proporcionar experiências de vida ricas e variadas, sensações, emoções, pois a leitura e “nomeadamente a leitura literária, alimenta-se da vida, da atenção dada às subtilezas que esta comporta” (Viana & Martins, 2007, p. 444). Infelizmente, em muitas famílias as pressões da publicidade, a necessidade de pertença a determinado grupo ou as rotinas instaladas ditam as idas a Hipermercados ou Centros Comerciais e não a Bibliotecas, ao Cinema, ao Teatro ou ao Museu.... Não é, por isso, de admirar a associação registada, no estudo LP-2007, entre a leitura de livros e práticas sociais cultivadas.

O Jardim de Infância e a Escola são os contextos que, em termos de importância, mais se aproximam da família, podendo, até, superá-la. A investigação tem mostrado que crianças oriundas de meios desfavorecidos podem ser leitores ávidos, desde que a escola lhes proporcione o encontro com os livros (Gambrell & Marinak, 1997). É urgente, por isso, uma mudança de paradigma. Se (ainda) não se verifica uma correlação entre formação de leitores e hábitos de leitura na Escola é porque, muito provavelmente, a Escola ainda não conseguiu encontrar as estratégias mais adequadas. Será de esperar que se a promoção de hábitos de leitura for bem sucedida na Escola, ela terá repercussões no aumento da leitura por parte das famílias. A responsabilidade da Escola (e do Jardim de Infância) é, no contexto nacional, muito maior do que a que se verifica noutros países.

Os inquéritos mais recentes que contemplam a quantificação dos livros existentes nas famílias (Santos et al., 2007; Ribeiro et al., 2009) mostram que nos lares de hoje a presença de livros é muito maior do que a revelada, por exemplo, no estudo do IEA (1993) No entanto, o que a investigação nos mostra é que não é o estar rodeado de livros que faz a diferença, mas o tipo de experiência que se tem com eles.

O que esperam os participantes numa reflexão sobre Boas práticas em Leitura? Entre outras coisas, saber “o estado da arte”, isto é, o que nos diz a investigação sobre as melhores formas de motivar para a leitura e criar leitores. Num mundo em que as mudanças tecnológicas ocorrem a um ritmo sem precedentes, o que é válido hoje já não o é amanhã. E no que concerne à formação de leitores são mais as dúvidas do que as certezas, pois faltam-nos estudos longitudinais sobre os percursos dos

leitores e dos não leitores. O interesse sobre a motivação para a leitura é relativamente recente. Em 1984 Wigfield e Asher apresentam uma revisão da pesquisa sobre a motivação e atitudes para com a leitura na primeira edição do Handbook of Reading Research. Em 1992 o National Reading Research Center (Estados Unidos) incluiu nos seus planos de pesquisa a identificação dos processos pelos quais as crianças se tornam leitoras e a identificação dos contextos escolares que contribuem para a formação de leitores. Em 2000, Guthrie e Wigfield, na terceira edição do mesmo handbook (Kamil, Mosenthal, Pearson & Barr, 2000) referem a necessidade de se caracterizar, nomeadamente através de estudos de caso e longitudinais, os percursos de leitores e de não leitores.

De entre os vários estudos nas últimas décadas, vejamos algumas das conclusões de alguns do estudo desenvolvido por Palmer, Codling e Gambrell (1994), junto de junto de uma amostra de 300 alunos do 3.º e 5.º anos:

Experiências anteriores com livros

Quem lê melhor, lê mais... E o ler vai despertar motivação para ler. A motivação para a leitura é trabalhada em círculo. Uma leitura leva a outra leitura. É importante que a leitura esteja presente desde muito cedo na vida das crianças, uma leitura “pela voz dos outros”, suportada por textos adequadas e temperada de afetos.

Interações sociais com base em livros

Os dados mostram que as crianças leem sobretudo livros que os amigos, pais e professores lhes referem ou veem ler. Apresentar livros, partilhar leituras, conversar sobre as leituras efetuadas ou concursos de leitura são, entre outras, algumas das atividades mais eficazes.

Acesso aos livros

As crianças do estudo referiram a importância do acesso aos livros. Os estudos recentes efetuados em Portugal mostram, realmente, que as Bibliotecas Escolares vieram facultar uma relação de proximidade (e de sedução) para com o livro. Se esta relação de proximidade for complementada com a existência de mediadores sensíveis e preparados, as probabilidades de encontrar o livro fundador³ do gosto pela leitura aumentam exponencialmente.

3 Santos e colaboradores (2007: 72), adotam o conceito de livro fundador proposto por Horellou-Lafarge (2005: 41) como sendo “aquele que os inquiridos mais associam ao despertar do seu gosto pela leitura”.

Escolha dos livros

Ter liberdade de escolher os livros a ler foi um dos aspetos destacados. No entanto, verificou-se também uma relação importante entre escolha pessoal e interação social. No estudo desenvolvido por estes autores, mais de 25% refere que escolhe um livro porque o professor o tinha lido na aula ou porque um amigo lhe falara dele. A estas conclusões acrescentamos algumas convicções... que esperamos sejam, a breve prazo, empiricamente testadas:

Sem um nível de leitura automatizado e sem custos cognitivos não se formam leitores.

O ensino da leitura precisa ser repensado de modo a que seja mais eficaz. O português é uma língua de ortografia relativamente transparente, não justificando a existência que um número extremamente elevado de crianças que, no final do 1.º ano não atingem o nível de mestria esperado em termos de descodificação para este ano de escolaridade (Viana & Ribeiro, 2010). A motivação para ler aumenta quando os leitores se percebem como competentes em leitura (Oldfather & Wigfield, 1996), mas o inverso também é verdadeiro.

É preciso dar mais atenção às necessidades dos leitores iniciais.

É na fase inicial da aprendizagem que as crianças podem ser definitivamente conquistadas ou afastadas da leitura. Mais do que a idade em causa, há que atender aos gostos, aos interesses, à personalidade e, acima de tudo, às experiências anteriores de leitura e aos tipos e níveis de leitura. Deixando um pouco de parte os gostos e interesses, variáveis que terão de ser analisadas caso a caso, é necessário atender especialmente às suas competências linguísticas e textuais, bem como ao seu conhecimento do mundo.

É preciso fazer nascer a necessidade de ler.

O leitor é um curioso de si, dos outros, da vida, do mundo. É preciso estimular a natural curiosidade das crianças, que será satisfeita através da leitura. Um bom programa de televisão pode ser o ponto de partida. Os mediadores de leitura têm de conhecer os programas que as crianças veem, usando a velha máxima – “se não os podes combater (à televisão, aos vídeo-jogos, às playstations) alia-te a eles”, colocando-os ao serviço da leitura.

Referências Bibliográficas

Alves, Maria Manuela Pereira (2011). *Preferências de leitura e motivação no 1.º ciclo do Ensino Básico: a perspetiva dos alunos e dos professores*. Dissertação de Mestrado em Educação, área de especialização Inovação e Mudança Educacional, não publicada, Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

Freitas, Eduardo, Casanova, José Luís & Alves, Nuno de Almeida (1997). *Hábitos de Leitura: um Inquérito à População Portuguesa*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Gambrell, Linda B. & Marinak, Barbara A. (1997). Incentives and intrinsic motivation. In John T. Guthrie & Allan Wigfield (Eds.), *Reading Engagement: motivating readers through integrated instruction* (pp. 205-217). Delaware: I.R.A.

Guthrie, John T., Wigfield, Allan (2000). Engagement and motivation in reading. In Micahel L. Kamil, Peter B. Mosenthal, P. David Pearson & Rebecca Barr (Eds.), *Handbook of Reading Research III* (pp. 403-422). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Kamil, Michael L., Mosenthal, Peter B., Pearson, P. David & Barr, Rebecca (2000). *Handbook of Reading Research III*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Martins, Maria Marta (2009). Eu leio-me, tu lê-me, ele lê. Congresso Internacional de Promoção da Leitura: *Formar leitores para ler o Mundo – Testemunhos* (pp. 73-74). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Neves, Manuela Castro (2002). Livros de Leitura ou Leitura de Livros. In *Actas do II Encontro Internacional O Desafio de Ler e Escrever - Leitura e Coesão Social* (pp. 108-109). Lisboa: Civitas – Associação para a Defesa e Promoção dos Direitos dos Cidadãos.

Oldfather, Penny & Wigfield, Allan (1996). Children's motivations for literacy learning. In L. Baker, P. Afflerbach & D. Reinking (Eds.), *Developing engaged readers in school and home communities* (pp. 89-114). New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Palmer, Barbara Martin, Codling, Rose Marie & Gambrell, Linda B. (1994). In their own words: what elementary students have to say about motivation to read. *The Reading Teacher*, 48 (2), 176-178.

Ribeiro, Iolanda, Leal, Maria José, Ribeiro,

Marta, Forte, Ana, Fernandes, Ilda (2009). Hábitos de leitura de filhos e pais. In I. Ribeiro & F. L. Viana (Org.), *Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Ideias e projectos para promover a leitura* (pp. 155-249). Coimbra: Almedina.

Santos, Maria de Lurdes Lima, Neves, José Soares, Lima, Maria João & Carvalho, Margarida (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação – GEPE.

Schraw, Gregory, Bruning, Roger & Svoboda, Carla (1995). *Sources of situational interest. Journal of Reading Behavior*, 27(1), 1-17.

Sim-Sim, Inês, Duarte, Inês & Micaelo, Manuela. (2007). *O ensino da leitura. A compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.

Sweet, Anne P. & Guthrie, John (1996). How children's motivate relate to literacy development and instruction. *The Reading Teacher*, 49 (8), 660-662.

Viana, Fernanda Leopoldina & Martins, Maria Marta (2007). Percursos de lectura y percursos de vida. In P. Cerrillo, C. Cañamares & C. Sánchez (Coord.), *Actas del V Seminário Internacional de Lectura y Patrimonio – Literatura infantil: Nuevas lecturas y nuevos lectores* (pp. 439-451). Cuenca SP: Ediciones de la Universidad de Castilla-la-Mancha.

Viana, Fernanda Leopoldina & Ribeiro, Iolanda (2010). *PRP – Prova de Reconhecimento de Palavras*. Lisboa: Cegoc-Tea Edições.

Wigfield, Allan, & Asher, Steven R (1984). Social and motivational influences on reading. In P. David Pearson (Ed.), *Handbook of Reading Research I* (pp. 423-452). New York: Longman.